

Clube de Paris, a “não instituição” completa amanhã 50 anos

AFP
PARIS

O Clube de Paris celebra amanhã o 50º aniversário, mas seu trabalho é questionado pela competência de alguns países emergentes, que são capazes de quitar suas dívidas e se converter em credores. Criado de forma quase fortuita em 1956 durante reunião em Paris de países credores da Argentina, o Clube congrega os grandes países que emprestam dinheiro no planeta, da Alemanha à Suíça, passando pelos EUA e Japão.

Os 19 membros dessa “não instituição” — com a define seu atual presidente, o francês Xavier Musca —, que não possui estatuto nem representação jurídica, se reúnem uma dezena de vezes por ano.

Em 50 anos, foram assinados perto de 400 acordos estimados em um pouco mais que US\$ 500 bilhões. Mas esse meio século de vida gerou controvérsias, já que o Clube de Paris foi com frequência criticado por ser “todo poderoso”, por sua “opacidades” ou pelo caráter “político” de suas decisões.

De fato, muitos países recorrem aos mercados financeiros, por meio de emissões de bônus, em vez de pedir ajuda aos membros do Clube de Paris, cujos

Dívida Externa
créditos estão condicionados à aplicação de um programa do FMI. Outros recorrem aos novos países emergentes dispostos a oferecer recursos, como o Brasil e a China. Durante uma reunião sábado na Rússia, os países do G8 instaram os emergentes a “reforçar sua cooperação (...) para evitar que se acumulem níveis insuportáveis de dívida em países com entradas escassas”.

Paralelamente, se multiplicam as anulações da dívida em favor dos países mais pobres, assim como reembolsos antecipados da dívida por parte de países emergentes em boa situação financeira. Graças aos lucros petrolíferos, a Argélia e a Rússia, por exemplo, saldaram antecipadamente parte de sua dívida, privando seus credores do Clube de receber o pagamento dos juros.

Assim, a verdadeira utilidade do Clube de Paris, ou a do FMI, “se delineia cada vez mais”, segundo Jérôme Sgard, pesquisador do Centro de Estudos Internacionais CEPRI. O presidente do Clube de Paris, Xavier Musca, reconhece ser saudável que “as instituições sejam mortais”, porque “se alguém sabe que pode desaparecer, se esforça em ser útil”. No entanto, ele considera que o Clube ainda tem “um papel a desempenhar”.